O RETRATO SOCIAL DA GALIZA ATRAVÉS DA POESIA: LITERATURA GALEGA NO "REXURDIMENTO"

THE SOCIAL PORTRAIT OF GALICIA THROUGH POETRY: GALICIAN LITERATURE IN "REXURDIMENTO"

Thamiris Marques[1]

RESUMO
O movimento literário na Galiza passou por fases até chegar no *rexurdimento*, que trouxe de volta a recuperação cultural e valorização da língua galega no país durante o fim do século XIX. Seus principais representantes foram Rosalia de Castro, Eduardo Pondal e Manuel Curros Enriquéz. Os temas de escrita de Rosalia de Castro foram situações cotidianas, paisagens e sentimentos. Eduardo Pondal se destacou utilizando mitologia e lendas, além de evidenciar o amor à pátria através da criação do hino galego para referir-se a uma história galega de cultura elevada onde o passado podia ser considerado nobre. Já Manuel Curros Enríquez escreveu críticas sociais contra as injustiças como a fome dos galegos e emigração. Juntos eles influenciaram na reconstrução da identidade galega por meio da escrita e ficaram marcados na história de seu povo.

Palavras-chave: Literatura galega. Poesia galega. *Rexurdimento*.

ABSTRACT
The literary movement in Galicia went through phases until it's *rexurdimento*, which brought back the cultural recovery and appreciation of the Galician language in the country during the end of the 19th century. Its main representatives were Rosalia de Castro, Eduardo Pondal and Manuel Curros Enriquéz. Rosalia de Castro's writing themes were everyday situations, landscapes and feelings. Eduardo Pondal stood out using mythology and legends, in addition to evidencing the love of country through the creation of the Galician anthem to refer to a Galician history of high culture where the past could be considered noble. Already Manuel Curros Enríquez wrote social criticism against injustices such as the hunger of Galicians and emigration. Together they influenced the reconstruction of Galician identity through writing and were marked in the history of their people.

Keywords: Galician literature. Galician poetry. *Rexurdimento*.

A história da literatura na Galiza possui alguns marcos: o início da literatura galego-medieval no século XII através das cantigas, a autonomia da literatura galega da literatura portuguesa no século XV e o ressurgimento da literatura galega no século XVIII influenciado

[1]Graduação em Psicologia (2014), Mestrado (2016) e Doutorado (2020) em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ. Doutora em Psicologia Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: thamiris_marques@hotmail.com

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

pelo iluminismo e o chamado *rexurdimento*[2] no século XIX. Sobre este último, trata-se de um movimento em que a cultura galega voltou a ser culta e a publicar livros (VILAVEDRA, 1999; AXEITOS, 2006).

O período pré-*rexurdimento* (CALERO, 1981; VILAVEDRA, 1999) na Galiza está inserido contextualmente em uma sociedade rural e baseada em trabalhos agrícolas. Contudo, o surgimento de núcleos urbanos como Santiago de Compostela e Corunha trouxe a industrialização e a chegada de empresários bascos e catalães, além de comerciantes da província espanhola de Leão, o que levou à construção de fábricas que utilizavam linho ao invés do algodão local.

Se antes a economia era marinheira e camponesa, a chegada desses empresários e comerciantes mudou não apenas a economia, mas também a cultura, já que estes passaram a se comunicar com a população local em outra língua que não o galego. Por conseguinte, as novidades econômicas substituíram o comércio local e levaram o castelhano para as camadas mais pobres da sociedade. Enquanto no período dos séculos escuros apenas os nobres falavam castelhano, agora burgueses e camponeses também passaram a falar. Todavia, antes a população falava majoritariamente apenas galego.

Para além dos problemas de indústria e comércio não havia boas estradas na Galiza, o que dificultava o comércio e as relações externas. Logo, cada uma dessas dificuldades decorrentes da produção de base marinheira e camponesa em associação ao prejuízo decorrente das linhas férreas e boas vias que facilitassem as rotas comerciais ocasionou uma grande crise na Galiza.

A crise, por sua vez, feriu a população que passou a sofrer com falta de recursos levando a emigração dos galegos para países na Europa, como Portugal, mas também para a América Latina, como Brasil e Cuba. Os galegos saiam da sua terra na esperança de melhores condições de vida, todavia, conseguiam, em sua maioria, trabalhos árduos e mal recompensados financeiramente.

Na esfera econômica contextual do pré-*rexurdimento* houve a invasão francesa de Napoleão em 1908, na qual os galegos se revoltaram e conseguiram expulsar os invadores franceses, e também o *galleguismo*[3] (DUARTE, 2004). Sobre este último, vale ressaltar que ocorreu em duas etapas: Na primeira etapa ocorreu o provincialismo no qual em 1833 a Galiza deixou de ser um reino e passou a ser dividida em quatro províncias (Corunha, Lugo,

[2] Tradução para o português "Ressurgimento".
[3] Corrente intelectual cujo objetivo era promover a liberdade da identidade galega e sua cultura.

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

Ourense e Pontevedra) e dependia de Castela e Leão, na Espanha. Durante esse período alguns intelectuais se revoltaram porque defendiam o reino da Galiza, mas foram vencidos e mortos pelo Estado em 1846 e, até hoje existe na região um monumento em homenagem aos chamados mártires da liberdade. A segunda etapa do *galleguismo* foi o regionalismo (SEIXAS, 1993). Este defendia a identidade da Galiza não apenas na política, mas também com uma personalidade cultural, econômica e social. Um do pontos de defesa era o autogoverno da Galiza.

Dado o plano de fundo pré-*rexurdimento*, o *galleguismo*, então, acompanhou o movimento literário na Galiza, pois os interesses de escrita eram os movimentos migratórios das classes mais pobres para poder ganhar dinheiro e a dificuldade dos burgueses locais em compartilhar espaço com os novos comerciantes que se instalavam.

Assim, o *rexurdimento* expressa uma trajetória de recuperação não só literária, mas também cultural e política na história da Galiza no fim do século XIX. Suas marcas fundamentais são a poesia como gênero principal, escritores bilíngues e a busca por uma identidade literária própria.

Suas três grandes correntes e seus principais representantes foram Rosalia de Castro, escrevendo sobre cotidiano, paisagens, os galegos e amor; Eduardo Pondal, escrevendo sobre mitologia e lendas, além de referir-se a uma história galega de cultura elevada onde o passado podia ser considerado nobre; e Manuel Curros Enríquez, escrevendo críticas sociais contra as injustiças como a fome dos galegos, por exemplo (TELES, 1970).

Rosalia de Castro nasceu em Santiago de Compostela, Galiza, no ano de 1837 (URBANO, 1982). A autora pode ser considerada a fundadora da literatura galega moderna e, escrevendo e se profundando em temas do dia-a-dia, ela expressava a fundo suas emoções (MAYORAL, LAPESA, 1974).

A escrita de Rosalia relaciona-se fortemente com sua história pessoal, pois era mulher e galega, além de ser alguém muito dedicada ao marido e aos filhos, apesar de doente (MACHADO ROSA, 1954). Sua história contou com altos e baixos, além de perdas, já que morreram seu primeiro filho e sua mãe em datas próximas. Por esses motivos sua poesia era cheia de sentimentos como tristeza e saudade (URBANO, 1982).

O livro *cantares galegos* de Rosalia de Castro (1963) é considerado um marco do *rexurdimento* pleno. Ele é composto por 36 poemas e aborda temáticas sentimentais, a pátria e problemas sociais.

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

No poema *Campanas de Bastavales*[4] a autora escreve sobre os sinos da igreja que ouvia da sua casa e fala abertamente sobre desejo de morrer e tristeza profunda (DE CASTRO, 1963):

Cuando os oigo tocar,	Quando eu os ouço tocar,
campanitas, campanitas,	sinos, sinos,
sin querer vuelvo a llorar.	Sem querer volto a chorar.
Cuando de lejos os oigo	Quando de longe os ouço
pienso que por mí llamáis	Penso que estão me chamando
y de las entrañas me duelo.	e minhas entranhas doem.
Me duelo de dolor herida,	Eu dói com muita dor a ferida,
que antes tenía vida entera	já que antes eu tinha uma vida inteira
y hoy tengo media vida.	e hoje tenho meia vida.
Sólo media me dejaron	Apenas metade me deixaram
los que de allá me trajeron,	aqueles que de lá me trouxeram,
los que de allá me robaron.	aqueles que de lá me roubaram.
No me robaron, traidores,	Eu não fui roubado, traidores,
¡ay!, unos amores locos,	Ai!, amores loucos,
¡ay!, unos locos amores.	Ai! Loucos amores.
Que los amores ya huyeron,	Os amores já fugiram,
las soledades vinieron…	as solidões vieram...
de pena me consumieron.	de pena fui consumida.

Ela era odiada pela Igreja, assim como o *rexurdimento*, já que a Igreja era um dos alvos da escrita, uma vez que os bispos e padres eram ricos, apesar da pobreza do povo (ENRÍQUEZ, 1881). Outro fator de influência é que a língua e a cultura galega foram

[4] Tradução para o português "Sinos de Bastavales".

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

separadas das instituições, da Igreja e de qualquer tipo de acordo, documento ou livro escolar. Todavia, Rosalia defendia sua língua na medida em que substituía palavras castelhanas por galegas. Por este motivo a defesa de ambas, língua e cultura, eram percebidas como um ataque à Igreja Católica que utilizava outro idioma e concentrava riquezas (MONTEAGUDO, 1999; GONZÁLEZ, 2015; BARREIRO, 2018).

No poema *Adiós, ríos; adiós, fuentes*[5] fica evidente o apego de Rosalia a sua terra e a crítica sobre a emigração maciça dos galegos para Cuba, principalmente pela pobreza (DE CASTRO, 1963). Mais uma vez ela expressa seu sentimento na língua galega e discute os movimentos migratórios escrevendo sobre um homem que se despede do campo, da aldeia e de pessoas queridas por estar a ponto de embarcar.

A autora repete as palavras *Adiós*[6] e *Deixo*[7] enfatizando a dor da partida e o sofrimento pela separação de um lugar que cultivou tantos sentimentos ao longo da vida, como se vê nos versos:

Adios, ríos; adios, fontes;	Adeus, rios; adeus, fontes;
adios, regatos pequenos;	adeus, pequenos riachos;
adios, vista dos meus ollos:	adeus, vista dos meus olhos;
non sei cando nos veremos.	não sei quando nos veremos.
Miña terra, miña terra,	Minha terra, minha terra,
terra donde me eu criei,	terra onde me eu criei,
hortiña que quero tanto,	hortinha que quero tanto,
figueiriñas que prantei,	figueirinhas que plantei,
prados, ríos, arboredas,	prados, rios, arvoredos,
pinares que move o vento,	pinherais que move o vento,
paxariños piadores,	passarinhos piadores,
casiña do meu contento,	casinha do meu contento,
muíño dos castañares,	moinho dos castanhais,

[5] Tradução para o português "Adeus, rios; Adeus, fontes".
[6] Tradução para o português "Adeus"
[7] Tradução para o português "Deixo"

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

noites craras de luar,	noites claras de luar,
campaniñas trimbadoras	campainhas timbradoras
da igrexiña do lugar,	da igrejinha do lugar,
amoriñas das silveiras	amorinhas das silveiras
que eu lle daba ó meu amor,	que eu lhe dava ó meu amor,
camiñiños antre o millo,	caminhos entre o milho,
¡adios, para sempre adios!	adeus, para sempre adeus!
¡Adiós gloria! ¡Adiós contento!	Adeus glória! Feliz adeus!
¡Deixo a casa onde nacín,	Deixo a casa onde nasci,
deixo a aldea que conozo	eu deixo a vila que conheço
por un mundo que non vin!	por um mundo que eu não vi!
Deixo amigos por estraños,	Deixo amigos por estranhos,
deixo a veiga polo mar,	deixo o campo pelo mar,
deixo, enfin, canto ben quero...	deixo, enfim, o quão bem eu quero...
¡Quen pudera non deixar!...	Quem pudera não deixar!...
Mais son probe e, ¡mal pecado!,	Mas são pobres e pecadores!
a miña terra n'é miña,	minha terra não é minha,
que hastra lle dan de prestado	que tanto lhe dão emprestada
a beira por que camiña	a beira pela qual caminha
ó que naceu desdichado.	o que nasceu infeliz.

Outro representante do *rexurdimento*, que, assim como Rosalia, ressaltou os elementos positivos da paisagem da Galiza, foi Eduardo Pondal (1977), nascido na Corunha, Galiza, em 1835 (VEGA, 2013).

Em seus escritos ele menciona e descreve cenários como campos, rios e a vegetação da sua terra. Ele observa e ressalta o que nota de seu momento de contemplação da natureza, como se vê em *Muitas veces nos matos nativos*[8]:

[8] Tradução para o português "Muitas vezes nos matos nativos".

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

Muitas veces nos matos nativos,	Muitas vezes nos matos nativos,
No crepúsculo fusco e calado,	no crepúsculo fosco e calado,
S'escuita das aves,	se escuta das aves
O rápido paso;	o rápido passo;
Das aves aquelas,	das aves aquelas,
Do pico tamaño,	de grande tamanho,
Que sóon retirarse	que geralmente se aposentam
Dos rudos traballos,	dos duros trabalhos,
D'escollos e prayas	de pedras e praias
De fero Oceáno;	do feroz Oceano;
E van en ringleira,	e vão em linha,
Gritando e voando;	gritando e voando,
En demanda das illas Sisárgas,	em busca das ilhas Sisárgas,
Seu noto repara.	seu noto reparo.

Além da natureza, Eduardo Pondal também elucida seu amor pela pátria e seus sentimentos por ela, como se vê em *A Campana de Anllóns*[9].

E ti, campana de Anllóns,	E você, sino de Anllóns,
que vagamente tocando	que vagamente tocando
derramas nos corazóns	derramas nos corações
un bálsamo triste e brando,	um bálsamo triste e suave,
de pasadas ilusións.	de passadas ilusões.
Alá nos pasados ventos	Lá nos ventos passados
primeiros da miña vida,	primeiros da minha vida
oio os teus vagos concertos,	ouço seus vagos concertos,
reló dos tristes momentos	relógio de tristes momentos
da miña patria querida.	da minha pátria querida.

[9] Tradução em português "O sino de Anllóns".

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

Pondal foi o responsável por um dos principais símbolos do nacionalismo galego quando contribuiu com a escrita épica do hino galego *Os pinos*[10], em que o autor se inspirou numa lenda céltica *Beográn*[11] do povo irlandês para escrevê-lo (TELES, 1970). Dessa forma, na época, o autor aumentou o prestígio de seu país, que nunca teve heróis ou mesmo uma identidade social positiva.

A personalidade introspectiva de Eduardo Pondal não o impediu de contribuir historicamente para a Galiza. Sua criatividade e capacidade de poetizar revelaram seus sonhos nacionalistas e sua sensibilidade, como se vê nas partes IX e X do hino *Os pinos*:

IX - Estima não se alcança	IX - Estima não se alcança
cum vil gemido brando,	com vil gemido brando,
qual quem requer rogando	qualquer requer rogando
com voz que esquecerão,	com voz que esquecerão,
mas cum rumor gigante,	mas com rumor gigante,
sublime e parecido	sublime e parecido
ao intrépido sonido	ao intrépido sonido
das armas de Breogám!	das armas de Breogão.

X - Galegos, sede fortes,	X - Galegos, sede fortes,
prontos a grandes feitos,	prontos a grandes feitos,
aparelhai os peitos	aparelhai os peitos
a glorioso afã!;	o glorioso afã;
filhos dos nobres celtas,	filhos dos nobres celtas,
fortes e pregrinos,	fortes e peregrinos,
lutai pelos destinos	lutai pelos destinos
dos eidos de Breogán!	dos campos de Breogão.

Assim como Rosalia e Eduardo, Manuel Curros Enriquéz (1881) foi um grande representante do *rexurdimento*. O autor nasceu em 1851, Celavona, Galiza, sendo filho de Xosé María de Curros Vázquez e de Petra Enríquez. Seu primeiro poema em galego *Cántiga*

[10] Tradução para o português "Os pinheiros"
[11] Tradução para o português "Beogrão"

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

[12]foi escrito em 1869, aos 17 anos de idade, enquanto estudava o curso de Direito em Madrid (MONTERO, 1967; FERNANDÉZ, 1995; LÓPEZ VARELA, 2000).

A semelhança de Rosalia, Curros defendia firmemente a língua, contudo, também escrevia em castelhano por conta de seu trabalho como jornalista, uma vez que escrevia para meios eletrônicos de divulgação em Madrid e também Cuba (LÓPEZ VARELA, 2000).

A questão do idioma na Galiza era polêmica, pois o galego era um dialeto não oficial visto como o espanhol incorreto e sem prestígio, além de ser considerado a língua do povo. Apesar disso, Curros teve um papel fundamental na defesa da língua galega, pois enquanto residia em Cuba se encarregou da sistematização gramática e ortográfica, bem como de dicionários para que a língua não fosse dispersa e desaparecesse (DE LA IGLESIA, 1886; LÓPEZ VARELA, 2000).

Em um de seus poemas intitulado *Introdución*[13] o Curros (1881) desabafa em um trecho sobre o desejo de que o idioma não desapareça e sobre as duras críticas que o galego recebia, quando diz:

Idioma en que garulan os paxaros, en	Língua em que os pássaros cantam, em que
que falan os ánxeles ós nenos, en que as	os anjos falam com as crianças, em que as
fontes solouzan, e marmullan entre os	fontes soluçam, e murmuram entre as árvores
follosos álbores os ventos	frondosas os ventos
(...)	(...)
non, tí, non morrerás, céltica musa	não, você, não morrerás, musa celta
¡Eso quixeran / os desleigados que te	Isso quiseram! / os preguiçosos que
escarneceron!	zombavam de você!

Assim como no tema da língua, as poesias de Curros voltam-se contra a emigração, contra as imposições e contra qualquer tipo de injustiça (CARREIRAS, 1990). Ele concebe a poesia com uma função didática, transformadora e social. Um de seus principais temas abordados é a emigração galega. Curros não foi o primeiro, pois Rosalia de Castro, anterior ao autor, já abordava essa questão.

Enquanto as poesias de Rosalia representam o cotidiano e o amor, e as de Pondal as mitologias e lendas presentes no espírito galego, Curros é um lutador que coloca sua vida e a

[12] Tradução para o português "Cantiga"
[13] Tradução para o português "Introdução"

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

obra à serviço de suas ideias, um democrata com compromisso social que enfrenta todo tipo de injustiça.

Tanto Curros quanto Rosalia são poetas populares que comprometem seu trabalho com os problemas da sociedade denunciando a miséria e a injustiça. Porém, Rosalia tem por fim o sofrimento diante de sua impotência para transformar a sociedade, enquanto Curros mantem sua atitude combativa.

Em seu primeiro poema *Cántiga* estão presentes dois personagens e três imagens. A problemática é a emigração dos galegos ao restante do mundo, uma das temáticas mais recorrentes na literatura galega. A questão da emigração é muito abordada no ressurdimento, o que não acontecia antes, nas aldeias, mas que surge agora gerando também uma problemática identitária no povo galego.

Cántiga ficou conhecido como *unha noite na eira do trigo*[14], pois o povo trocou o verso *No xardín unha noite sentada*[15] por *unha noite na eira do trigo*, já que tinha mais a ver com a realidade deles, uma vez que muitas pessoas nunca haviam visto um jardim, por conta de ser relacionado a nobreza.

No começo do poema o autor apresenta os sentimentos íntimos de uma menina apaixonada que, na dor da ausência, sente a separação que está passando por estar longe do seu amor. Ainda não está claro no início, mas soa como se houvesse um gesto de desamor, de abandono do rapaz.

No xardín unha noite sentada	No jardim uma noite sentada
ó refrexo do branco luar,	o reflexo do branco luar,
unha nena choraba sin trégolas	uma menina chorava sem tréguas
os desdéns dun ingrato galán.	o desdém de um ingrato rapaz.

O autor permite que seja a própria protagonista, ou seja, a menina apaixonada acompanhada pela dor da ausência, que deixe transparecer qual é sua terrível confissão, como demonstrado nos versos:

I a coitada entre queixas decía:	E a coitada entre queixas dizia:

[14] Tradução para o português "Uma noite na eira do trigo"
[15] Tradução para o português "Uma noite no jardim sentada"

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

Xa no mundo non teño a ninguén,	Já no mundo não tenho ninguém,
vou morrer e non ven os meus ollos	eu vou morrer e não vêm aos meus olhos
os olliños do meu doce bem.	os olhinhos do meu doce bem.
Os seus ecos de malenconía	Seus ecos de melancolia
camiñaban na alas do vento,	caminhavam nas asas do vento,
i o lamento	e o lamento
repetía:	repetia:
Vou morrer e non ven ó meu ben!	Eu vou morrer e não vêm o meu bem!

Finalmente aparece o motivo social do poema que é a emigração do rapaz em direção ao continente americano, como se mostra nos seguintes versos:

Lonxe dela, de pé sobre a popa	Longe dela, de pé sobre a popa
dun aleve negreiro vapor,	de um leve negreiro vapor,
emigrado, camiño de América	emigrado, a caminho da América
vai o probe, infelís amador.	vai o pobre, infeliz amador.

Desta maneira, as expectativas do leitor, que estavam sendo levadas na primeira parte do poema pela sentimental de lamentações, mudam de repente e agora passam para o plano do drama social. Trata-se da problemática da emigração, abordada tanto por Curros quanto por Rosalia de Castro, que também aborda essa questão, mas num momento anterior a Curros.

A emigração dos galegos ocorria por uma questão, geralmente, econômica. Tratava-se do afastamento de seu país natal por questões de sobrevivência e da busca por melhoria de vida, como vemos nos versos onde o rapaz desejava, de fato, estar com sua menina, sua amada:

I ó mirar as xentís anduriñas	E olhando para as gentis andorinhas
cara a terra que deixa cruzar:	diante da terra que deixa cruzar:
Quen pudera dar volta –pensaba–,	Quem poderia dar a volta –pensava–,
quen pudera convosco voar!..	quem pudera convosco voar!..
Mais as aves i o buque fuxían	Mas as aves e o navio fugiam
sin ouír seus amargos lamentos;	sem ouvir seus amargos lamentos;

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

sólo os ventos	somente os ventos
repetían:	repetiam:
¡Quen pudera convosco voar!	Quem pudera convosco voar!

O que se percebe nos versos seguintes é que após sua separação obrigatória da menina, ou seja, uma separação que tem uma razão social, o rapaz, cheio de amor pela menina não pode cumprir o que seu coração lhe pede, e só lhe resta, enfim, a solidão e o desengano. Então o rapaz só encontra uma saída para o seu horrível estado de tristeza, como visto nos versos:

Noites craras, de aromas e lúa,	Noites claras, de aromas e lua,
desde entón ¡que tristeza en vós hai	desde então, que tristeza há em você
prós que viron chorar unha nena,	para os que viram chorar uma menina,
prós que viron un barco marchar!...	para os que viram um barco sair!...
Dun amor celestial, verdadeiro,	De um amor celestial, verdadeiro,
quedou sólo, de bágoas a proba,	ficou sozinho, de lágrimas à prova,
unha cova	uma cova
nun outeiro	numa colina
i on cadavre no fondo do mar.	e um cadáver no fundo do mar.

Curros estava sempre denunciando a injustiça, miséria, pobreza e emigração forçada que os galegos eram submetidos para sobreviver nos anos difíceis do século XIX. Ele fez dos seus versos palco para expor os problemas da sua terra naquele tempo e mesmo depois de morto até hoje deixa suas pegadas na história da literatura galega.

Assim como Curros, Rosalia faz um retrato da Galiza através da poesia social. Cheia de sentimentalismo, a autora protesta contra as injustiças e exibe sua insatisfação. Em contrapartida, Pondal buscava a grande história da nação e, para tanto, utilizou personagens míticos para defender bravamente seu amor à pátria. Em um tom melancólico e simbolista sua escrita artística influenciou a valorização nacional.

Para eles, a poesia se revelou um veículo de esperança e também um meio de recriar a beleza da Galiza em meio aos problemas. Ainda que a realidade social fosse um desafio, eles puderam poetizar e questionar a opressão que o povo galego estava sofrendo em meio aos conflitos políticos, econômicos e sociais, em decorrência das questões migratórias e de idioma.

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

Em suma, o *rexurdimento* foi parte central da literatura galega na metade do século XIX. Manuel Curros Enríquez, Rosalia de Castro e Eduardo Pondal são os principais representantes do *rexurdimento* da literatura galega. Juntos eles são peças fundamentais na história da Galiza e na reconstrução da identidade galega, já que trouxeram valor a sua terra através da escrita crítica, combativa e ao mesmo tempo sensível sobre seu povo e cultura.

REFERÊNCIAS

AXEITOS, X. L. A Real Academia Galega no discurso construtivo do Rexurdimento. **Grial,** v. 44, n. 171, p. 16-25, 2006. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/29752773?seq=1 >. Acesso em: 20 mai 2020.

BARREIRO, X. V. Historia da lingua galega. **Cadernos de Lingua,** v.1, n. 20, p. 149-156, 2018.

CALERO, R. C. **Historia da literatura galega contemporânea 1808-1936.** Editorial Galaxia, 1981.

CARREIRA, X. M.. La" Cántiga" de Curros Enríquez-Chané. La génesis de una canción popular. **Nassarre: Revista aragonesa de musicología,** v. 6, n. 1, p. 9-40, 1990. Disponível em: < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1403921 >. Acesso em 20 mai 2020.
DE CASTRO, R. *Cantares gallegos*. Vigo: Galaxia, 1963.

DE LA IGLESIA, Antonio. **El idioma gallego:** su antigüedad y vida. Ed. La Voz de Galicia, 1886.

DUARTE, J. A. Romagem e galeguismo: a festa religiosa e o nacionalismo galego às vésperas da guerra civil espanhola. ***Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*****,** v. 28, n. 1, p. 363-372 2004.

ENRÍQUEZ, M. C. **Aires d'a miña terra:** colección de poesías gallegas. Madrid: La Ilustracion Gallega y Asturiana, 1881.

FERNÁNDEZ, F. J. V. Curros Enríquez y la Pardo Bazán. **Estudios Románicos,** v. 7, n. 1, p. 177-184, 1995. Disponível em: < https://revistas.um.es/estudiosromanicos/article/view/79731/76981 >. Acesso em: 20 mai 2020.

GONZÁLEZ, X. M. Renaixença e Rexurdimento. Unha proposta comparativa. **Anuari Verdaguer,** v. 1, n. 23, p. 279-292, 2015.

LÓPEZ VARELA, E. O posicionamento de Curros Enríquez perante a língua. **Revista galega de filología,** v.1, p. 199-208, 2000. Disponível em: <

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.

https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/2570/RGF-1-8.pdf >. Acesso em 20 mai 2020.

MACHADO ROSA, A. Rosalía de Castro, poeta incompreendido. *Revista hispánica moderna*, v. 1, n. 3, p. 181-223, 1954. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/30206869?seq=1 >. Acesso em 20 maio 2020.

MAYORAL, M.; LAPESA, R. **La poesía de Rosalía de Castro**. Barcelona: Editorial Gredos, 1974.

MONTERO, X. A. Curros Enríquez ou a poesía como loita. **Grial,** v. 5, n. 17, p. 290-318, 1967. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/29748531?seq=1 >. Acesso em 20 mai 2020.

MONTEAGUDO, H. ***Historia social da lingua galega: idioma, sociedade e cultura a través do tempo.*** Vigo: Editorial Galaxia, 1999.

PONDAL, E. **Queixumes dos pinos e outros poemas.** Vigo: Castrelos, 1977.

SANTALHA, J.-M. M.. Hino da Galiza. **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa,** v. 1, n. 1, p. 235-240, 2008.

SEIXAS, X. M. N. Portugal e o Galeguismo até 1936: algumas Considerações Históricas. **Penélope:** revista de história e ciências sociais, n. 11, p. 67-82, 1993. Disponível em: < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2687107 >. Acesso em 20 mai 2020.

TELES, G. M. Três poetas galegos: Díaz, Pondal e Enríquez. **Letras de Hoje**, v. 5, n. 1., p. 306-332, 1970. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/20795/13052 >. Acesso em 20 mai 2010.

URBANO, V. Lirismo y saudade en la poesia de "Florbela Espanca y Rosalia de Castro". **Letras Femeninas,** v. 8, n. 1, p. 21-35, 1982. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/23021879?seq=1 >. Acesso em 20 mai 2020.

VEGA, L. G. Retrato del poeta Aurelio Aguirre Galarraga (1833-1858) en el 180 aniversario de su nacimiento. **Madrygal: Revista de Estudios Gallegos,** v. 16, p. 139-142, 2013. Disponível em: < https://revistas.ucm.es/index.php/MADR/article/view/43689 >. Acesso em: 20 mai 2020.

VILAVEDRA, D. **Historia da literatura galega**. Vigo: Editorial Galaxia, 1999.

Revista Língua e Literatura, v. 22, n. 39, p. 105-118, jan./jun. 2020.
Recebido em: 10 nov. 2019.
Aceito em: 7 mar. 2020.